

NINGUÉM AQUI É BOM: JUVENTUDE NEGRA E A LUTA POR DIREITOS¹

NOBODY HERE IS GOOD: BLACK YOUTH AND THE FIGHT FOR RIGHTS

Bruna Gabriella Santiago Silva²
Bruno Silva de Oliveira³
Jessicalen Conceição de Oliveira⁴

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar as ações dos movimentos negros brasileiros contra o genocídio da juventude negra focando, assim, situando o modo de atuação do projeto *Batalha do Pedregal*. A pesquisa utilizou falas dos membros do projeto obtidas por meio de aplicação de questionário *on-line*. Para embasar nossa discussão alguns conceitos serão aqui utilizados: *centro e margem*, discutido por bell hooks (2019) e a concepção do movimento negro, de Nilma Lino Gomes (2018). Por fim compreendemos que as ações do projeto, por meio de intervenções artísticas, poesia marginal e luta pelos direitos básicos como acesso à educação, possibilidades de trabalho e combate ao COVID-19, tem como principal objetivo resistir a invisibilização que é imposta para a população negra e periférica do nosso país.

Palavras-chave: juventude negra; slam; Batalha do Pedregal; racismo.

ABSTRACT: This article aims to present the actions of Brazilian black movements against the genocide of black youth, thus focusing on the mode of action of the *Batalha do Pedregal* project. The research used statements by project members obtained through the application of an online questionnaire. To support our discussion, some concepts will be used here: center and margin, discussed by bell hooks (2019) and the conception of the black movement, by Nilma Lino Gomes (2018). Finally, we understand that the project's actions, through artistic interventions, marginal poetry and the fight for basic rights such as access to education, job possibilities and the fight against COVID-19, have as their main objective to resist the invisibilization that is imposed on the population black and peripheral of our country.

Keywords: black youth; slam; Battle of Pedregal; racism.

¹ O presente artigo é fruto de pesquisas desenvolvidas no ano de 2020, assim, o texto situa o projeto Batalha do Pedregal e seu núcleo de organizadores naquele contexto.

² Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

³ Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

⁴ Conselheira da Cultura Afro-brasileira em Campina Grande, Paraíba; Educadora social; Poetisa marginal; Coordenadora geral do projeto social Batalha do Pedregal e do projeto Slam na escola.

A JUVENTUDE NEGRA NO BRASIL: OPRESSÃO E RESISTÊNCIA

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. [...] A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição. (NASCIMENTO, 2018, p. 190).

A *Batalha do Pedregal*⁵ é uma expressão do movimento negro na cidade de Campina Grande – PB composta, em sua maioria, por jovens. A batalha concatena diversas expressões de resistência ao racismo, classismo, lgbtfobia e o sexismo. Esses jovens buscam fazer do espaço de opressão que estão inseridos, um ambiente de resistência. A partir dos dados, podemos construir um panorama sobre a juventude negra no nosso país e seus limites entre vida e morte, ou seja, a trajetória histórica de luta e resistência do movimento negro brasileiro, no qual situamos a organização que tem como principal local de ação o bairro do Pedregal.

Ser um jovem negro no Brasil é ter a certeza de que a vida será mais difícil, isto é, ter direito à vida constitui num grande desafio nesse país. De acordo com o último senso publicado pelo IBGE⁶, o maior índice de violência ocorre sobre os corpos da juventude brasileira. O senso aponta que a maior taxa de homicídios no Brasil incide entre a população jovem de 15 a 29 anos de idade. Por isso, temos uma juventude que vive sobre o signo da morte, contudo ela possui raça e classe, como aponta a pesquisa:

De fato, no Brasil, a taxa de homicídios foi 16,0 entre as pessoas brancas e 43,4 entre as pretas ou pardas a cada 100 mil habitantes em 2017. Em outras palavras, uma pessoa preta ou parda tinha 2,7 vezes mais chances de ser vítima de homicídio intencional do que uma pessoa branca. A série histórica revela ainda que, enquanto a taxa manteve-se estável na população branca entre 2012 e 2017, ela aumentou na população preta ou parda nesse mesmo período, passando de 37,2 para 43,4 homicídios por 100 mil habitantes desse grupo populacional, o que representa cerca de 255 mil mortes por homicídio registradas no Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM, do Ministério da Saúde, em seis anos (IBGE, 2019).

A pesquisa nos mostra que a taxa final dos números de homicídios não seria o único índice em que a juventude negra é afetada diretamente. Ela aponta um panorama geral com dados sobre o mercado de trabalho, educação, condições habitacionais, distribuição de rendimentos e diversos tipos de violências que perpassam esses corpos. Descortina-se, através

⁵ O título do projeto faz referência ao bairro em que atua, Pedregal. Trata-se de um bairro periférico localizado na cidade de Campina Grande, Paraíba.

⁶ Senso do IBGE, 2019. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>

dos dados e da condição de vida dessa população um século depois da abolição da escravatura, qualquer resquício que ainda possa existir sobre um mito da democracia racial no Brasil⁷.

Em consonância com pensamento de Abdias Nascimento (2016) podemos falar que temos em curso um *genocídio do negro brasileiro*, o qual atua através dos processos de uma extensa reserva de imaginários culturais depreciativos em relação aos corpos negros, atrelando a pretensa busca pelo branqueamento, aculturação, mortes físicas e simbólicas. A negação da vida e do bem viver da população negra não se resume, assim, à morte física, mas, também, à morte social e cultural dessa parcela da sociedade.

Dentro desses aspectos de mortes, sejam elas físicas e/ou simbólicas, os corpos negros são atingidos por violências que buscam exterminá-los e silenciá-los. Grada Kilomba (2019), ao fazer um exame da memória e do trauma, aponta a modernização do colonialismo no processo de silenciar o sujeito negro fazendo uso, como metáfora, a máscara de flanders⁸ para pensar o direito à fala e o cerceamento desta. Assim, o negro tinha sua voz silenciada. O que suscita seu questionamento: o que a população negra tem a falar que os brancos não querem ouvir? (KILOMBA, 2019, p. 34-39).

Assim, podemos compreender o poder da voz, da escrita e o medo de que a população negra articulada seja ouvida. Na sociedade brasileira, a produção de conhecimento negra passa por um processo de genocídio (NASCIMENTO, 2016) que tem em uma de suas expressões o epistemicídio (CARNEIRO, 2005). Abdias Nascimento e Sueli Carneiro estão em diálogo ao apontarem o apagamento e assimilação da produção de conhecimento da população negra como parte integrante do processo de aniquilamento e silenciamento. Epistemicídio seria, portanto, o processo de indigência cultural que ultrapassa a anulação e desqualificação do conhecimento de povos subjugados (CARNEIRO, 2005, p. 97). Ele nega o acesso à educação, deslegitima a capacidade cognitiva, compromete a autoestima, fere a racionalidade do subjugado e prejudica sua capacidade de aprender.

Como reação a essas ações de anulação e desqualificação de produção de saberes e protagonismos da história desse povo é preciso destacar a importância do Movimento Negro.

⁷ O mito da democracia racial faz parte de uma política ideológica que afirma que o Brasil é um país onde o racismo não existiria em decorrência da coabitação as três raças – indígenas, negros e brancos de forma harmônica. Essa teoria foi superada diante de inúmeros esforços dos movimentos negros e indígenas para denunciar o racismo na sociedade brasileira.

⁸ Uma máscara feita com folhas de flanders que impedia o escravizado de comer e falar. Anastácia foi uma mulher negra escravizada e sua imagem, usando a máscara, ficou bastante conhecida. Foi santificada no Brasil e é cultuada como santa e heroína.

Conforme Nilma Lino Gomes (2018), essa importância está no processo de reconstruir identidades, trazer indagações, ressignificar e politizar conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social, sendo assim, um sujeito político produtor e produto de experiências sociais diversas (GOMES, 2018, p. 28).

Assim, esse sujeito político marginalizado desenvolve nas margens um processo radical de resistência. bell hooks (2019) aponta que estar à margem nos permite a criação de um discurso contra hegemônico que não se encontra nas palavras, mas, sim, nos hábitos de existência (HOOKS, 2019, p. 289). Assim, estar à margem é desenvolver esforços para sobrevivência de si e do coletivo. É neste sentido de resistência, mesmo em processo de marginalização, que se desenvolvem os movimentos negros brasileiros.

Segundo Petrônio Domingues, movimento negro “é toda a somatória de esforços dos negros na perspectiva de resolver seus problemas em sociedade, particularmente, os advindos da questão racial” (2020, p. 134). A história de luta e resistência da população negra no Brasil se inicia desde o aporte do primeiro navio negreiro em nossas terras, lutas que se deram nos quilombos, nas *plantations*, nas senzalas e na resistência cotidiana dessa população. Lutas que serviram de base ancestral para o desenvolvimento dos movimentos negros contemporâneos no pós-abolição.

O autor (2007) pontua três fases distintas de formas organizacionais do movimento negro brasileiro que data de 1889 até os anos 2000⁹. Em mais de um século de luta, temos a constante mobilização contra o mito da democracia racial e o reconhecimento do racismo no Brasil, isto é, formas organizacionais e estratégicas dentro de cada temporalidade por acesso à educação, ao mercado de trabalho e acesso jurídico. Podemos concluir junto ao autor que, em comum as três gerações, estão a luta contra o racismo à brasileira¹⁰ e busca pelos direitos fundamentais para a população negra.

Ao pensarmos o movimento negro contemporâneo, vemos seu surgimento no final da década de 1970, no contexto de “abertura política” durante a ditadura militar. Um período em

⁹ O historiador faz a seguinte divisão cronológica: a primeira fase do movimento negro se inicia com o advento da República 1889 – 1937, a segunda fase do Movimento Negro organizado na República de 1945 – 1964, a terceira fase com a abertura política do regime ditatorial marcando de 1978 – 2000.

¹⁰ No Brasil as organizações negras enfrentaram uma árdua luta para denunciar o racismo no Brasil, segundo Petrônio Domingues todas as fases do movimento negro possuem em comum a denúncia sistêmica do mito da democracia racial.

que diversos agentes sociais – trabalhadores, mulheres, LGBTs¹¹ entraram em cena e se rearticulam coletivamente (DOMINGUES, 2020, p. 134). É entre o final da década de 1970 e os anos 2000 que o movimento negro se articula, em âmbito nacional, enquanto MNU¹², e com institutos, ONGs, e coletivos¹³.

A partir dos anos 2000 o autor lança uma hipótese interpretativa de uma possível quarta fase do movimento negro. Essa fase estaria marcada com a entrada na cena cultural do hip-hop que estava surgindo, nas periferias, com uma nova forma de expressão da linguagem. A linguagem rebelde da juventude afro-descendente era utilizada a seu favor na criação de letras e rimas que expressavam protestos, se articulavam com outros setores marginalizados e reafirmavam a identidade negra (DOMINGUES, 2007, p. 119). No entanto, o autor alerta para o fato de ser um processo que ainda estava em curso e aponta a presença de pessoas não negras na cena do hip hop, ainda sendo um movimento desprovido de um programa político e ideológico mais amplo para o combate ao racismo (DOMINGUES, 2007, p. 120).

É juntamente a Petrônio Domingues que propomos um novo olhar que busca abranger essa hipótese para pensarmos o movimento negro na atualidade. As cenas de hip-hop e de rap se confirmam enquanto espaço radical de contestação da ordem social. Se espalham as produções que contestam as desigualdades de raça, classe e gênero. É nesse cenário que surgem as batalhas de Slam¹⁴ as quais crescem por todo Brasil dentro das periferias como um grande grito antirracista, antissexista e anticlassista. Atrelando a ideia de negros em movimento, que também são movimentos negros (GOMES, 2017), situamos a *Batalha do Pedregal*.

A *Batalha do Pedregal* é uma organização social que surge nas praças partir das batalhas de Slam. Sem fins lucrativos, surgiu com o objetivo de entretenimento de jovens da periferia da cidade de Campina Grande, Paraíba. Com a adesão cada vez maior dos moradores do bairro do Pedregal a batalha desenvolve outras atividades voltadas para educação, profissionalização, anti-cárcere da juventude negra e empoderamento dos jovens desta localidade. Idealizada por

¹¹ LBGT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), sigla utilizada para se referir a uma comunidade ou movimento. Comumente em discussão, tem-se siglas mais atualizadas visando enquadrar a diversidade sexual e de gênero.

¹² O MNU - Movimento Negro Unificado foi fundado em 18 de 1978 e marca o retorno de um movimento negro organizado na cena política do país.

¹³ Nesse período temos um importante avanço na constituição de coletivos e Organizações não Governamentais - ONGs como a criação do Coletivo Nzinga, Instituto Geledés, Grupo de Mulheres Negras Dandara do Cerrado, são algumas entre inúmeras organizações.

¹⁴ Batalhas de poesia falada que surgiu nos Estados Unidos na década de 1980, no entanto, no Brasil a inserção do Slam se dá em 2008 por intermédio da slamer Roberta Estrela D'Alva, através do ZAP! Slam (Zona Autônoma da Palavra) na cidade de São Paulo.

jovens periféricos e pretos, a batalha vem cumprindo a função social histórica do movimento negro que é lutar contra todas as formas de genocídio da população negra.

A BATALHA DO PEDREGAL: O GRITO DA/NA PERIFERIA.

Nilma Lino Gomes aponta o potencial educador do movimento negro brasileiro trazendo uma tradução intercultural entre o campo acadêmico e a população negra pobre, que ainda não ocupa esse espaço em grandes percentuais, como uma forma de articular superações do racismo. Aqui também analisamos o caminho inverso. É a partir da atuação da *Batalha do Pedregal* que observamos a prática da intervenção do movimento negro, introduzindo conceitos à comunidade periférica a partir de uma linguagem própria. Como vozes e corpos anônimos “atuam na superação do racismo e na afirmação da identidade, dos valores, do trabalho, da cultura e da vida da população negra” (GOMES, 2018 p. 18). Para a mesma autora, o movimento negro levanta:

discussões sobre o racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica a democracia, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação para relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo (GOMES, 2018, p. 17).

Aqui buscamos demonstrar como a *Batalha do Pedregal*, sendo um movimento urbano movido por jovens, intersecciona demandas da comunidade com as questões historicamente levantadas pelos movimentos negros brasileiros. Faz-se importante frisarmos que as discussões entre racismo, gênero, democracia, educação, por exemplo, são debates que veem fazendo parte de uma práxis política negra pela luta por uma democracia efetiva para a população negra¹⁵ atuando no enfrentamento do racismo.

Entendemos, assim, que o racismo brasileiro não está apenas nas ações diretas da estrutura do Estado, ele também atua no cotidiano da nossa sociedade, nas relações sociais dos sujeitos, afetando subjetividades, construindo coletivos. O movimento é um importante ator político que constrói, sistematiza e articula saberes emancipatórios, como acontece na *Batalha do Pedregal*.

Esse projeto social se enquadra nesse processo de vetor para uma educação popular não somente de sua comunidade, como da sociedade desta cidade. Esses jovens organizam eventos

¹⁵ Na obra *Democracia da Abolição* (2009), Angela Davis aponta para o fato de que ainda se faz necessário uma segunda abolição para abolir com os resquícios coloniais da democracia liberal.

que ocorrem no bairro e que se estruturam em cinco momentos: a abertura, feita pela batalha de passinho do brega funk¹⁶; primeira fase da batalha de conhecimento; batalha de slam; rodada final da batalha de conhecimento e o “mic aberto”: um espaço de participação do público em geral para apresentação livre. A batalha do conhecimento, que surge como uma reação ao que era discutido em outras batalhas onde reforçavam momentos de violência e preconceitos, é um grande diferencial desse movimento. Foi criada para introduzir temas como racismo, gordofobia e sexismo, por exemplo, o que estimulou os participantes a estudarem e debaterem as temáticas, construindo uma nova consciência racial e social.

É a partir desse aprimoramento e acréscimos das demandas sociais do bairro que a *Batalha do Pedregal* muda sua atuação vindo a implementar oficinas de autoafirmação de negritudes; projetos de combate à COVID-19; auxílio na arrecadação de cestas básicas e material escolar para membros da comunidade. As atividades desenvolvidas preocupam-se com a formação desses jovens possibilitando o acesso à cursos que trabalham temas como feminismo e trajetória negra no Brasil, Comunidade LGBTQI+ e cultura hacker com o objetivo de apropriação digital da favela.

Para compreendermos a estrutura organizacional da Batalha do Pedregal é importante que saibamos quem são seus organizadores, interesses e motivações, bem como o perfil social. Através do questionário eletrônico¹⁷ aplicado obtivemos respostas de quatro membros sendo eles: Jessicalen Conceição, Yochan Beck, Priscila Gabriela e José Jonathan.

Nascido no Rio de Janeiro, em 13 de outubro de 1987, Yochan Beck, chegou à cidade de Campina Grande há cerca de dois anos. Passou a residir no bairro do Pedregal recentemente, há três meses¹⁸. Atualmente, exerce a função de Coordenador de Atividades do projeto Batalha do Pedregal. Antes de vir a morar no atual bairro residia em um bairro vizinho, o que já lhe permitia o contato com este. Quando questionado sobre como surgiu a ideia do projeto, responde:

Sempre tive interesse em iniciar projetos culturais e educativos na favela, no RJ já tinha criado algumas atividades com jovens, através de uma escolinha de skate. Aqui em Campina senti a necessidade de produzir uma cena cultural, pela escassez dessas atividades nas periferias, e daí nasceu a ideia, produzir uma batalha de rimas na periferia (BECK, 2020).

¹⁶ Batalha de passinho é um momento de dança e competição. O brega funk é um ritmo musical que chama bastante atenção das crianças e da juventude e foi usado pela batalha como possibilidade de atrair esse público.

¹⁷ As transcrições serão feitas de forma literal a partir dos dados coletados.

¹⁸ Residente do bairro desde o ano de 2020.

A ideia de organizar a Batalha do Pedregal parte não somente a partir do momento em que ele tem o contato com o bairro, trata-se de uma iniciativa que já vinha sendo desenvolvida desde sua vivência em favelas do Rio de Janeiro. Um elemento importante que aponta é a escassez de atividades culturais dentro desses espaços a fim de estimular e ouvir os jovens que produzem suas manifestações culturais nas periferias. No documentário *Muito além do que se ver*, Yochan Beck pontua que a batalha de rima existia em outras periferias, mas que ainda não se fazia presente no Pedregal. Algumas questões contribuíram para que essa ideia se formasse, ele aponta que:

Tive experiências bem complicadas enquanto morava na periferia do RJ, perdi minha mãe de uma forma brutal, vi minha irmã, irmãos, primos se envolverem com caminhos errados. A falta de suporte a criança e adolescente, principalmente na favela é um dos maiores obstáculos para se desenvolver e conquistar avanços, na educação, na arte, na vida de modo geral. [...] Eu precisava agir, não conseguiria viver em paz sem me envolver diretamente com a criação de oportunidades culturais, ainda que sejamos apenas uma rede de apoio, pilhei um monte de gente artista, minha companheira principalmente e quando a gente se deu conta, o projeto já tinha sido essencial para algumas pessoas... (BECK, 2020).

As palavras de Yochan Beck são profundas quando expõe sua experiência na periferia onde o apoio e acesso à educação e a cultura são deficitários. As perspectivas de mudanças daqueles que residem nessas regiões acabam por serem fragilizadas. Trata-se de sujeitos que não dispõem dos mesmos acessos que outros grupos sociais com acesso a melhores condições financeiras. Sujeitos que não possuem o mesmo nível de assistência por parte do Estado, ocasionando, portanto, numa desigualdade quando estes se deparam com o mercado de trabalho, por exemplo. É possível observarmos como esse déficit impacta na vida dessas famílias, não só de forma a negar direitos básicos como, também, vindo a estimular que grupos de pessoas dentro das comunidades se organizem em prol de suprir, ou minimizar, as ausências que deveriam ser assistidas pelo Estado.

Para compor a dupla fundadora, Jessica Conceição de Oliveira logo embarcou na ideia de seu companheiro, atualmente sendo responsável pela Coordenação Geral do projeto. Nascida em 21 de abril de 1993 e natural de Abreu e Lima – Pernambuco é filha de comerciantes. Ainda criança trabalhou nas ruas tanto na coleta de material reciclável como na venda de bebidas, junto aos seus pais, em festas que ocorriam na cidade em que residia e cidades circunvizinhas. Também chegou à Campina Grande, Paraíba, há cerca de dois anos e reside no bairro do

Pedregal junto com Yochan Beck. Ao perguntarmos sobre o surgimento e desenvolvimento da ideia, ela nos diz que:

Um dia Beck me disse: seria massa uma batalha de rap aqui no pedrega né, bota tentar? Eu achei massa mas fiquei preocupada com nosso tempo e nosso futuro financeiro, achava que podia tomar muito o nosso tempo e que isso nos afetaria financeiramente. Dito e feito, estamos cada vez mais pobres por não receber pelo projeto e investir muito no mesmo, mas a batalha me afetou tão positivamente em minha alma que nenhum dinheiro é capaz de pagar a gratidão de ter topado. Quando começamos a pensar em como seria a batalha o primeiro objetivo eram as crianças e os adolescentes (OLIVEIRA, 2020)

Ao reforçar a ideia inicial proposta por Yochan Beck, as palavras de Jessicalen Conceição nos chamam atenção para uma outra questão: a situação financeira. Como pontuado anteriormente, a situação nas periferias proporciona organização interna de grupos frente às suas necessidades. Contudo, são grupos de moradores que dispõem de pouco ou nenhum recurso financeiro que permita desenvolver atividades/projetos a partir de demandas locais. Trata-se de um investimento sem retorno capital, pois, o objetivo é instrumentalizar essa população, sobretudo de crianças e jovens, com o acesso e apoio a educação e cultura. A importância de projetos sociais nesses espaços fica muito claro quando relata que:

Depois de um tempo lembrei que eu fiz parte de um projeto social quando criança, fazia teatro e me sentia atriz. Isso falou muito comigo, eu faço hoje o que alguém fez comigo no passado, democratizo os acessos ao debate, a cultura, a arte e isso me move atualmente (OLIVEIRA, 2020).

A ação social não consiste, portanto, em algo paliativo para aquele momento. Ela pode contribuir para o desenvolvimento de práticas futuras, como discorre Jessicalen Conceição, que visem contribuir com a democratização de acessos a questões ligadas à cultura e arte, por exemplo. O interesse em trabalhar com crianças e adolescentes reflete o contato que teve, ainda na infância, com projetos que contribuíram para o desenvolvimento de uma nova perspectiva de si, “fazia teatro e me sentia atriz” (OLIVEIRA, 2020).

Juntamente à Jessicalen Conceição, temos a presença de Saulo Rosa Lima, o qual exerce a função de Vice Coordenador Geral. Nascido no dia 25 de junho de 1971, sendo natural desta cidade e residente do bairro do Pedregal desde 1981, veio tomar conhecimento da existência do projeto a partir do contato em seu local de trabalho, salão de cortar cabelo localizado no mesmo bairro em que reside, a partir de interações com seus clientes.

Outras pessoas vieram a integrar o núcleo organizacional da Batalha do Pedregal, como é o caso de Priscila Gabriela Rocha Silva, Coordenadora de Atividades (auxilia na organização de oficinas, ações sociais e outros). Nascida no dia 06 de dezembro de 1990 e natural da cidade

de Campina Grande – PB. Embora sua residência estando localizada em um bairro vizinho, ela nos conta que seu contato com o Pedregal ocorreu ainda jovem. Ao ser questionada sobre como tomou conhecimento da Batalha do Pedregal, relata que:

Eu conheci a batalha do Pedregal através de Jessica, ela me convidou a participar de uma oficina de autocuidado que a batalha estava promovendo com as crianças e adolescentes do Pedregal a um ano atrás, desde lá comecei a fazer parte da batalha também ajudando em tudo que está ao meu alcance (SILVA, 2020).

E completa sobre o que a teria levado a contribuir com o projeto: “Pela a importância que o projeto tem na comunidade, podemos alcançar as famílias com vários projetos diferentes, assim podendo ser um diferencial na vida deles” (SILVA, 2020). A promoção dessas atividades começa a criar uma rede de sujeitos que se organizam nessas ações que são formas de reivindicação, de contestação de direitos básicos os quais o acesso ainda é deficitário. Priscila Gabriela corrobora com a importância dessas articulações quando relata a possibilidade de “ser um diferencial na vida” (SILVA, 2020) das famílias alcançadas pelo projeto.

Essa também é a perspectiva de José Jonathan Ferreira, o qual ocupa a função de Organizador da Juventude. Natural desta cidade e residente do bairro do Pedregal desde toda sua infância e tendo nascido no dia 09 de outubro de 1996. Quando questionado sobre como tomou conhecimento da Batalha do Pedregal ele relata que “Primeiro eu fui para uma batalha aí Beck teve a ideia de fazer a batalha do Pedregal” (FERREIRA, 2020).

Existe uma interação entre indivíduos que não se limita aos moradores do bairro do Pedregal, o que podemos atestar a partir do núcleo organizacional do projeto. Alguns elementos comuns contribuíram para que essa relação fosse possível, como é a falta de incentivo à cultura/produção cultural e as dificuldades do acesso à educação de qualidade que não se restrinja a conteúdos de base curricular. Percebemos o interesse coletivo, a partir do momento em que enxergam e compreendem os problemas e déficits no meio em que estão inseridos, de se organizarem em prol de ações que busquem contribuir para que mudanças sociais ocorram. Tais ações partem da instrumentalização desses moradores a partir da democratização do acesso a alguns elementos, tais quais o debate, a cultura, e a arte, conforme pontua Jessicalen Conceição.

AQUI É DO PASSINHO AO POETA MARGINAL

Quando a Batalha do Pedregal inicia suas atividades com as batalhas de rima em praças do bairro, começam a surgir a necessidade de ampliar essas iniciativas a fim de incluir outros públicos. Nesse sentido o passinho (dança caracterizada pelo mover da cintura projetando-a para frente de forma consecutiva) acaba por ser englobado quando, na realização de uma dessas atividades de rima, uma criança que estava no local dançando o passinho questiona se não poderia colocar uma música para que ela, e outros, pudessem dançar, o que acaba acontecendo.

A interação que essas atividades passam a ter com a comunidade nos mostra como o passinho, por exemplo, envolve não só os jovens presentes como também famílias, as mães na maioria das vezes. Em um dos relatos presentes no documentário *Muito além do que se ver é dito* que pais passaram a usar de artifícios como “se você não se comportar na escola, não irá para o passinho”, na tentativa de estabelecer uma relação educativa com a cultura da dança.

Essa experiência com o passinho e as poesias foram elementos importantes para a formulação do lema do projeto. A partir de dois jovens, a poetisa Aristéia e o poeta Joelison, que iniciaram participando de atividades do passinho e que atualmente escrevem suas poesias, surgiu a inspiração para o grito “Aqui é do passinho ao poeta marginal, qual é a batalha? Batalha do Pedregal!”. Aqui encontramos duas questões importantes, uma que já reforça o que discutimos anteriormente, que é o envolvimento de crianças e de como esse engajamento tem contribuído com o desenvolvimento em meio a essas interações que abordam diversas questões sociais, nesse sentido promovendo espaço para o exercício da criação de suas artes, a poesia.

A outra questão diz respeito a autoafirmação da marginalidade. São sujeitos colocados às margens e que desse espaço, que não se resume a questão geográfica, mas, também, social e cultural, produzem seus saberes que contestam o centro, lugar que se pretende hegemônico. Esse dialogo estabelecido por eles, marginalizados, com o centro, constitui em espaços de abertura radical, como nos diz bell hooks, a abertura dentro de uma cultura que se coloca como dominante na forma de tática de se manter vivo (HOOKS, 2019, p. 286-287).

Com o crescimento do projeto sua estrutura de atuação também precisou passar por reorganizações. No momento ele atua a partir de três frentes: cultura, social e educação. Na área cultural a atenção é voltada para a produção de artistas da periferia, produzindo portfolios e participando de eventos onde declamam suas poesias. Na área social a atuação tem se concentrado nos agentes de pandemia, ação social que parte da iniciativa da Batalha do Pedregal junto à jovens da comunidade para a produção e distribuição de materiais de higiene (sabão) e máscaras respiratórias.

O *agentes de pandemia*, o qual contou com incentivo do Fundo Baobá, consistia numa organização em que esses jovens saíam pelas ruas do bairro fazendo a entrega desses materiais bem como passando orientações acerca do que seria o covid-19 e quais os cuidados necessários para prevenção. Durante a realização das atividades um pequeno carro de som acompanhava e transmitia uma mensagem gravada pelos próprios jovens do projeto, e uma parte dizia:

Esse é o passinho do corona vírus, esse é o passinho do corona vírus; ele vei tá aí só pra acabar contigo, pega a visão na informação, pega a visão na informação; se tu não tem álcool em gel usa água e sabão, se tu não tem álcool em gel usa água e sabão; lave a mão, com sabão (Batalha do Pedregal – Agentes de Pandemia).

A terceira área é a educação. Nesse espaço uma das atividades desenvolvidas consiste na atuação em escolas da cidade, públicas e privadas, desde 2019 com oficinas pedagógicas de slam e rimas. Através da constatação do déficit dos jovens sobre alguns conteúdos e a não conclusão dos estudos, o projeto tem se articulado, também, em prol do PRÉ-ENCCEJA, onde cursos estão sendo desenvolvidos dentro de diversas áreas (questão racial, gênero e sexualidade, informática e outros), os quais serão disponibilizados gratuitamente aos jovens da comunidade. Ainda para o PRÉ-ENCCEJA, a Batalha do Pedregal tem recolhido doações de material eletrônico (computadores, celulares e outros) usados, em parceria com a FUNESC, os quais irão passar por manutenções e colocados à disposição desses jovens, atualmente no espaço da residência de Jessicalen Conceição e Yochan Beck tida enquanto sede do projeto, para que eles possam ter acesso a partir de suas demandas (cursos online, participação de eventos online, inscrição em editais, elaboração de portfólio e outros).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Beatriz Nascimento (2018) nos fala que o quilombo é um avanço, é também, sapiência, sabedoria e continuidade de vida. O quilombo é também resistência e possibilidade de criar um momento feliz quando o inimigo é poderoso (NASCIMENTO, 2018, p. 190). A historiadora ainda complementa que estando um negro com outro negro, o negro consigo mesmo ou com o branco que não seja opressor, isso já é um quilombo (ibidem). A ideia de estar em quilombo ultrapassa a ideia de uma região geograficamente estabelecida em alguma temporalidade do passado, quilombo é ser e estar, estar entre os aliados e ser uma coletividade.

Desde o pós-abolição a população negra vem se organizando para superar as desigualdades sociais promovidas pelo colonialismo, as organizações são e foram diversas,

desde as irmandades negras, grêmios, associações, bailes, bailes blacks, coletivos, imprensa negra – são expressões de articulações desses movimentos (DOMINGUES, 2007) que, assim como os quilombos, surgem enquanto uma forma de resistência.

Quando falamos dos movimentos negros contemporâneos e situamos a Batalha do Pedregal enquanto uma organização de jovens, pretos, pardos e brancos que buscam lutar contra as desigualdades sociais e contra ao inimigo poderoso, que é o capitalismo com todas as suas ferramentas de opressões racistas, classistas e sexistas, estamos falando de uma forma ancestral de organização e de luta que encontra na coletividade o seu espaço radical de resistência.

A Batalha do Pedregal age na frente de formação, buscando contribuir para mudanças futuras na comunidade promovendo formação e buscando parcerias para empregos e rendas na comunidade. A fábrica de sabão, agora durante as ações do COVID-19, mostra que ação de via de mão dupla entre promover emprego e renda para os jovens que trabalham na pequena fábrica, e ainda sabão para a população mais carente do bairro pode funcionar de forma coletiva, como um quilombo.

As ações por doações alimentícias, de materiais de higiene não cessaram durante esse período, sendo atreladas as batalhas *on-line*, cursos de formação e ainda incipiente tentativa da construção de uma sede que surge na casa de Jessicalen Conceição e Yochan Beck demonstram esforços coletivos para atender as demandas do cotidiano. Não podemos esquecer o trabalho que antecede a pandemia, as oficinas de beleza, os esforços para acesso à internet, à educação, parcerias com cursos profissionalizantes, os eventos na praça, tudo o que busca articular lazer, emprego, educação e renda onde o Estado chega de forma deficitário.

A Batalha do Pedregal, como um projeto ainda recente, tem contado com apoio comunitário, isto é, o que contribui para o planejamento futuro do projeto, dentre elas está a formalização do projeto e a consolidação do PRÉ-ENCCEJA e inauguração do espaço com os equipamentos eletrônicos para que os jovens tenham acesso. Jessicalen Conceição sintetiza toda essa discussão ao afirmar enfaticamente que a batalha tem, antes de tudo, um fator reivindicador dos direitos da comunidade: *ninguém aqui é bom, só estamos cobrando o que nos é de direito, educação, cultura, alimentação e cuidados*. É neste sentido que situamos a Batalha do Pedregal, um quilombo urbano, uma expressão dos movimentos negros, um agente educador da sociedade que busca uma verdadeira democracia para a população negra e pobre da cidade de Campina Grande – PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** São Paulo, 2005.

_____. **Mulheres em Movimento.** Estudos Avançados [online]. 2003, pp. 117-132.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro contemporâneo: Uma utopia e várias histórias do tempo presente.** In. Tiago Siqueira Reis... [et al.] Organizadores. Coleção história do tempo presente: volume 3. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

_____. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122.

GOMES, Nilma. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais.** São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidades em dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

VÍDEOS

Batalha do Pedregal – Agentes de Pandemia. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gAZ2NqWgWQo>> Acesso em 27 de outubro de 2020.

Muito além do que se ver. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CokZeGRr-Gg&t=23s>> Acesso em 27 de outubro de 2020.